

O DESTINO VIAJA
A BORDO

MARIA ONDINA BRAGA
O DESTINO VIAJA
A BORDO



© 1997, Maria Ondina Braga e Parque EXPO 98, S.A.

A publicação de *O Destino Viaja a Bordo*, extraído do livro *O Homem da Ilha e Outros Contos*, foi gentilmente autorizada por Maria Ondina Braga.

Ilustração e Design
Luís Filipe Cunha

Tiragem
5000 exemplares

Composição
Fotocompográfica

Seleção de Cor
Grafiseis

Impressão e Acabamento
Printer Portuguesa

Depósito Legal
109 279/97
ISBN
972-8127-97-9
Lisboa, Julho de 1997

A chinesa com quem Ruth partilhava o camarote no *Napoléon* convertera-se ao cristianismo havia dois anos. De meia-idade, rosto largo, cabelos amarrados na nuca, tinha o ar meio patético meio infantil das almas deslumbradas de fé.

— A minha mãe era budista, rezava a Buda duas horas por dia. Não teve como eu a sorte...

Conversas da noite, quando Ruth regressava do baile. A chinesa, que estivera a ler a

Introdução à Vida Devota ou os Evangelhos, acendia a lâmpada mal a pressentia.

— Incomoda-a?

— Não. Nada. — Usava touca de seda-bicho que farfalhava no travesseiro. — Estou acostumada a dormir tarde.

— Por minha vontade ainda ficava no *deck*. O mar, uma maravilha, ao luar, nem imagina!

A senhora Wang perguntava como correria o serão. O segundo comissário, aquele muito loiro, também aparecera? Tão simpático! Dera-lhe uma vez pastilhas contra o enjoo.

E infalivelmente falavam de religião. A chinesa preocupava-se com a ideia da virgindade. Dissera-lhe um sacerdote que as virgens ficavam logo abaixo do trono do Altíssimo. E tinha tristeza de não ser virgem. Se se convertesse em menina...

— Oh, Mistress Wang, o que importa é a pureza interior.

Ruth subia a escadinha do beliche e a senhora Wang soerguia-se.

— Acha que sim? Fui casada, enviuvei, e há dois anos — parava como quem olha para dentro — entreguei-me a Cristo. — Mostrava o anel de comprometida. — Pertença à Associação das Amadas de Jesus. Mas, se fosse hoje, não me casava com homem nenhum, não.

— Que seria do mundo se todas as mulheres pensassem como a senhora? — ria-se Ruth.

A chinesa, sisuda, como se não percebesse, não ouvisse sequer. A loucura de Deus tomando-a toda. Um Deus que se lhe deparara já na curva dos anos, de cruz às costas, madeiro ao alto, mãos e pés chagados. Um herói. Um mártir da remissão da humanidade.

— Não, não me casava. O meu pai era católico. O meu pai deixou-me a melhor das heranças...

Arredava os lençóis, deitava as pernas para fora, ia rebuscar na vigia.

— Apetece-lhe *lai-chi*? Anonas?

Passava amavelmente a fruta a Ruth depois de a descascar.

O baloiço do barco trazia agora à lembrança da chinesa a manhã em que conversara com o comissário loiro. No convés. Tão gentil, e boa figura, o comissário, debruçado para ela a perguntar-lhe se precisava de alguma coisa. Sentara-se numa cadeira perto. A senhora Wang quisera saber a religião dele.

— Minha senhora, sou... Vai escandalizar-se? Sou agnóstico.

Para Ruth o mesmo baloiço relacionava-se com os braços do engenheiro alemão. Tinham dançado juntos. Contíguo ao seu o camarote do alemão. Encostava a cabeça à parede. Quem sabe se não o ouviria voltar-se na cama?

— Miss Ruth, como pode ser um moço tão bom e ateu?

— Fala do comissário Renier?

— Sim. O mais loiro de todos.

— E quem lhe disse que ele era bom? Além disso, deve ter qualquer crença. Ninguém vive de coração morto.

Interrogava-se sobre a sua crença, Ruth: o amor? Mas que amor? Já a outra recitava um provérbio chinês que dizia precisamente que ninguém vive de coração indiferente. O beliche do camarote ao lado rangia — ou era ilusão sua? Bem podia estar lá àquela hora. Hans tanto lhe pedira que entrasse!

Ao aportarem a Saigão, Ruth saiu com o joalheiro ceilonês que desde o início da viagem a convidara para comer arroz com caril, nos barcos. O joalheiro fizera uma prelecção aos seus irmãos maometanos numa mesquita em Iocoama.

— Nunca me senti tão feliz na minha vida.

Falei inglês e disse o que talvez ainda não tinha dito a mim próprio. Não li o Alcorão. Foi tudo espontâneo. Creio que se pode chamar a entrega da inteligência de um homem a Deus.

De cabelos lisos, cinzentos, tez baça, olhos delicadamente recortados e esfíngicos, abstinha-se de bebidas alcoólicas, jejuava no mês do Ramadão, e gozava da companhia de quatro mulheres legítimas.

Ruth, curiosa:

— Não tem preferência por nenhuma das suas mulheres?

Que não, que eram todas belas, e cada uma especial: como os perfumes. Arqueava as sobrancelhas. No entanto, o Livro Sagrado esclarecia: um homem não poderia tratar igualmente todas as suas mulheres... evitasse todavia deixar qualquer delas em suspenso... Tudo estava escrito.

Veio o arroz a escolher. O ceilonês optou

pelo melhor, graúdo e amarelo, de primeira colheita. E a lagosta que o servente apresentara viva, acabada de pescar, em convulsões, era lançada num caldeirão fumegante à ré.

Ruth virou a cara.

— Não é a sua religião que manda poupar a vida aos animais?

— Está a confundir islamismo com budismo. — Lavava os dedos numa tigela de bambu.

Aliás, lagosta era mais jóia do que bicho. Como um coral. E acaso iria repugnar-lhe vê-lo comer à moda da sua terra?

De modo nenhum. Já tinha visto os Indianos. Era com a mão esquerda, não era?

Nisto, fitando-a com aqueles seus grandes olhos sombrios e aguçados como peixes negros, o ceilonês começou a dar-lhe conselhos: devia casar-se. Arriscado uma mulher nova sozinha. Em Ceilão, a lei admitia quatro esposas para que a nenhuma mulher faltasse um

lar. Sabia que as francesas que vinham no barco eram contratadas pela Companhia para distraírem os homens? Ah, os países cristãos...

O criado trouxe o arroz. Mr. Hamid, agora cabisbaixo:

— Case-se. Maomé, o Profeta, o eleito, amava as suas mulheres, não as mulheres de ninguém. A graça, a delicadeza das mulheres ajudam a conduzir o homem a Deus. Durante o nono mês alimento-me de perfumes naturais e da contemplação das minhas quatro esposas. — Continuando a lavar escrupulosamente as pontas dos dedos, acentuava que o devia entender à letra: sim, à noite, quando lhe era permitido comer, o estômago, de tão fraco, não tolerava nada sólido. Costumava emagrecer uns bons quilos.

Ela com vontade de lhe perguntar quem conduzia as mulheres a Deus. As mulheres de «olhar casto» do paraíso islâmico, que serviam frutas e bebidas aos homens recostados em sofás. Uma vez Mr. Hamid lera-lhe alguns textos do Alcorão: «Não tome isto a rigor. O Profeta exprimia-se por parábolas.» Mentalmente, Ruth ia comparando as doutrinações da sua companheira de camarote com as do ceilonês. Ela: «Não se case. Não se case. Melhor ficar solteira.» Para Mrs. Wang, solteira e virgem eram o mesmo. Este a mandá-la casar-se.

Entretanto Mr. Hamid modelara uma bola de arroz como uma lua. Que significava «golpes-de-lua»? Ah, crendices... E o que dissera na mesquita do Japão? Ele mergulhou o arroz no caril e a lua saiu trocada em sol. Não fora discurso mas antes prece. De sol na mão de sombra, ombros rectos, cabelos apartados ao

meio, o ceilonês fazia pensar na estátua de um faraó.

— Case-se!

Sorriu perplexa.

— Mas que ideia a sua! Quer que me case já? No barco? Durante a viagem?

Sim, durante a viagem, com Hans, o alemão. Que se prometessem, se deitassem juntos. — Tinha-se curvado tanto para a frente que a cabeça dele por pouco tocava a dela. — O comissário Renier levava todas as noites consigo uma mulher lá para a cabina. E o imediato. E outros. Não acabaria por ser uma dessas?

O zelo que o ceilonês punha na reputação dela devia-se a quê? (Lume na boca, o caril. E a destreza, a volúpia, quase, com que o chefe de mesa escorchava a lagosta! A lagosta finalmente toda branca e exposta como um corpo nu.) Apenas aos mandamentos de Mao-

mé? Uma mulher devia ter marido — insistia Mr. Hamid — de contrário, nem era mulher nem tão-pouco ser humano, e no Dia de Juízo enxotavam-na como uma falena de mau agouro, e todo o bem que tivesse feito não pesava nos pratos da balança, os pratos ficavam leves, e ela ia habitar as profundas...

— Com o alemão. Porque ele é diferente dos outros. Porque tem boas intenções.

Um navio místico aquele: a santidade de Mrs. Wang, o fervor prático do ceilonês, os êxtases do canadiano a aspirar os fumos da boquilha ao entardecer. E génios do mal como Renier, Renier, Renier... E Hans? Onde caberia Hans?

O pintor canadiano pescava todas as manhãs à popa. Esguio, de cabeleira castanho-clara a roçar-lhe as espáduas, olhos azuis, barba em bico, chamavam-lhe Jesus Cristo. E Ruth, que às vezes conversava com ele

(o canadiano vivera três anos com os Esquimós, ensinara pintura no Tibete, visitara o Dalai-Lama em Katmandu), esperava vê-lo um belo dia abandonar o barco e caminhar sobre as águas.

Após o jantar é que Renier mostrava quem era. Ao longo do dia, um *gentleman* e o ídolo das senhoras. Mrs. Wang, que o visitava pelo meio-dia com o pretexto de saber a ementa do almoço, prometera-lhe chá de Taiwan, o que se colhia antes das chuvas, de folhas largas, com mistura de flores. E visto ele lhe confessar o seu arreigado ateísmo, principiou a metê-lo nas orações. À noite, porém, o comissário deixava cair a máscara. Sabiam-no mulheres novas com quem ele dançava e que convidava para um passeio pelo convés. Sabiam-no velhas como a americana, a protectora do pintor canadiano (as más-línguas badalavam que amante), ou a italiana, ex-cantora

em Tóquio, que se saracoteava de tanga de folhas de tabaco à moda do Havai.

Ruth intrigada: seria o oiro dos cabelos de Renier ou o plaqué do seu humor que fascinava as mulheres? A própria senhora Wang, tão piedosa e tão honesta, andava devotadamente enamorada dele.

— Deve ser solteiro, Miss Ruth... Eu digo-lhe que não se case, mas se tem vocação...

Ruth impacientava-se. O comissário, está visto, escondia no camarote a aliança do casamento e o retrato da mulher e dos filhos: «Ele não é assim bom como a senhora julga. Por mim detesto-o.»

Como sempre que a conversa lhe aprazia, a senhora Wang, sem ser bisbilhoteira, sentava-se na cama cheia de curiosidade: «Porque diz isso? Comigo tem sido tão atencioso...»

No beliche de cima Ruth cerrava as pálpebras. Como pudera suportar a mirada fixa do

joalheiro? Aquele escrutínio? Aquela insistente e maliciosa referência ao seu casamento com Hans? E porque correspondia às atenções do alemão? Debaixo, a senhora Wang insistia: «Tem alguma queixa dele?»

Queixa propriamente... Mas não é que ele pedia todas as noites à italiana que se fantasiasse à moda do Havai e depois escarnecia, à socapa, das suas coxas enrugadas? A outra a desculpá-lo: sem propósitos a italiana... Hans virava-se no beliche do outro lado da parede: as pupilas claras, o ar altivo e secreto. Quem era Hans? Por vezes sonhava que se deitava com ele. Nem era bem sonho, apenas um torpor. Algas escorregadias os seus membros. A boca, uma esponja. As mãos, estrelas-do-mar. Havia, contudo, um golfinho de per-meio. O pintor canadiano atirava a linha. Era Nosso Senhor, o pintor — ia realizar-se um milagre. Mrs. Wang tombando de joelhos. Mas

já o golfinho ganhava monstruosas patas vermelhas de lagosta. E o joalheiro ceilonês de olhos atravessados de egípcio, o ceilonês, imóvel, a observar — a julgá-la? O seu medo das garras do crustáceo! O seu medo do ceilonês! E Hans (era Hans?), com cabelos de linho de Renier, a rir-se cruelmente. Arrepiante o riso. Pior que tudo o riso. Acordava aflita. «Não está bem?» Mrs. Wang padecia de insónias. «Aspire o *pa-fa-iao*.» O frasquinho de líquido verde. A madrugada azul na vigia.

— Fale, fale, Mistress Wang. Estou assustada. Um pesadelo. Conte-me coisas da sua vida.

E lá vinha a mãe que era budista. O pai, espanhol, não o chegara a conhecer. Sabe-se lá se não fora a alma do pai que a levara a Cristo? As almas dos antepassados velavam pela família. Isso em todos os credos. No nirvana, no confucionismo, no taoismo. Experi-

mentara cada uma dessas religiões antes de entrar na Igreja Católica. A libertação do nirvana... Ela jamais sentira tal libertação. Confúcio achava-o — como diria? — muito mundano. Ruth aninhava-se-lhe aos pés da cama: «Vamos hoje pedir o pequeno-almoço no quarto?» Um regalo tomar o pequeno-almoço na cama, espalhar manteiga nos *brioques* ainda quentes. Mas era muito cedo. «A Mrs. Wang não tem dúvidas, agora?» Não. Nunca mais tivera dúvidas. Estava na verdade. Tão certo como o seu pai ter existido. Porque não dizia «a mãe»? Sempre o pai, só o pai, um pai que nem sequer conhecera. Chinesa antiquada, Mrs. Wang, criada no conceito do desvalor da mulher. Além disso, a mãe não era cristã. O pai subia ao quartinho do sótão: «Baptiza-me essa menina!» Pousava duas moedas de prata ao lado do sabão no lavatório de lata. A mãe orgulhosa quando falava dele: «Muito inteligente.

Aprendeu o chinês num ai» e digno. Nunca a vira senão em bebê, não a perfilhara, mas doara-lhe todos os bens, ainda que pouco abonados. «E a sua mãe baptizou-a?» «Não. Budista a minha mãe, levava-me ao pagode, bolos de soja num prato, a cabeça no chão. Uma ignorante, coitada.» Então o tutor tirou-lhe a filha pelos onze anos e internou-a num colégio. E a pequena a prometer a si própria que havia de procurar o verdadeiro Deus. Sem contudo se fiar no ensino das mestras protestantes. Esperando. Lendo. Meditando. Mesmo depois de casada. Uma ausência. Uma falta. Até que já viúva... Soerguia-se, acalorada, a touca às três pancadas, o colarinho do pijama desabotoado. Evolava-se das suas roupas um aroma agri-doce. Ruth assemelhava-a à deusa da Inocência. Mas onde havia tal deusa?

Hans às vezes também lhe parecia inocente, em particular na noite em que lhe propu-

sera casamento: «Queres ter logo filhos ou espaçar a lua-de-mel por dois ou três anos?» Sabia lá! Que pergunta... Mentiu: «Vou pensar.» E não pensava, não queria, não atinava em pensar. Mrs. Wang, uma vida inteira à porfia do Divino. «A senhora gostava do seu marido?» Desconversando, a chinesa propunha que descansassem um pouco antes do pequeno-almoço. Já deitada, Ruth com saudades de Hans. Se a companheira não estivesse acordada... O brando marulhar das águas e as falas (ou rezas) da senhora Wang ajudavam ao bem. Dar-se uma mulher a um homem e um homem a uma mulher, trocarem alianças (aquando do casamento da prima Adelina, ia nos seus seis anos, segurara a bandeja das alianças, deixara cair a bandeja das alianças), dizerem o sim, era caminho recto. Sua mãe tinha trilhado esse caminho. E a mãe da sua mãe. Todas as mulheres de seu sangue. Porque se aventu-

rava ela por atalhos, carreiros de monte, becos sem saída? A madrugada, no mar, mais prematura e melancólica. Na prateleira, os frascos de remédio, os bálsamos, o *pa-fa-iao* verde de ervas. Mrs. Wang ressonava baixinho, como um gato. De olhos cravados nas tábuas do tecto que flutuavam, estreiteciam, se alongavam, Ruth a fazer a diligência por se acomodar àquele tempo. No avesso da parede Hans dormia a sono solto, podia dormir porque era verdadeiro. E se se dispusesse a ser verdadeira com ele, consigo mesma? E o que era uma pessoa ser verdadeira? Amar?

Quando nessa manhã — o *Napoléon* devia escalar Singapura de tarde —, Ruth apareceu no *deck* de roupão, muito cedo, os marujos interromperam a baldeação e olharam-na com atrevimento. Viajara já em vários barcos, mas nenhum com homens assim descarados. Ao

aproximar-se um porto de escala, qualquer empregado de mesa se afoitava a convidar uma passageira de turística para sair na sua companhia. E a Mrs. Wang também pode ir? Ora! Malcriadote, o francês. Na terceira classe, então, constava que era uma súcia: os ajudantes de cozinha metiam-se no baile, se não iam, a meio da noite, bater à porta dos camarotes das mulheres. Uma indiana, muito bonita, queixara-se à gerência. Que contraste o navio de mercadorias japonês em que Ruth embarcara da Índia à Tailândia, três anos antes! Mesuras, mãos pequenas e pálidas, olhos recatados, um recolhimento, um segredo. Mais mitos que homens os tripulantes do *Yuzuriha*, a árvore cujas folhas serviam de pratos para os acepipes do Ano Novo, que embranqueciam os dentes. Tudo a combinar com o sussurro das ondas, os túneis escuros e frescos do velho cargueiro, e com ela pró-

pria, a sua nostalgia do sono. Estes, no entanto, rosados, grandes, peludos, pertenciam às horas sôfregas, violentas. E assim Renier. Como a Penépole da lenda, Renier fiava de dia a teia que desfazia de noite. Ela por pouco entrara nesse desfazer. O fatídico ceilonês: «Não acabará por ser uma dessas?»

Aceitara Renier deliberadamente e sem ilusões. Se lhe perguntassem porquê, encolheria os ombros. A beleza máscula de Renier, o ofuscante e falso brilho do seu espírito, o seu desaforo pesavam menos do que o desabrigo dela. Um insulto para Renier, exigente e presumido. E uma desistência, da sua parte, como se já estivesse morta. Valera-lhe a senhora Wang nos arroubos da sua nova fé. Valera-lhe a paixão de Hans.

Renier zangou-se, acusou-a de traição. Renier sempre pronto a julgar as mulheres, não fossem elas julgá-lo a ele. Depois, se aconte-

cia emparelharem nas voltas do baile, era o presente por de mais frívolo e efémero para que chegasse a ser. E, caso o comissário teimasse num passeio até à ponte, com o rodeio de lhe mostrar as constelações umas ao lado das outras como em mapa de escola, perdia-o de todo.

— Sabe quem gosta de si? Adivinhe. A senhora Wang. Acha-o muito simpático, muito boa pessoa.

— Que senhora Wang? Não me diga, a velha china!

Não tão velha. Outras muito mais velhas. Renier a perguntar se era a casada com Cristo. A americana? Mas que confusão! Referia-me mesmo a Cristo, não ao *hippie* canadiano. A que usava o anel do Amor Divino. Cale-se. É uma santa. Que santa? Sorria de escárnio. Saberá ele que era um diabo? Gargalhava, se lhe dissesse. Mas que é isso de diabo? Per-

gunte à Mrs. Wang, ao Mr. Hamid. O sonho, o pesadelo: os lábios de Hans sem poderem unir-se aos dela por causa do golfinho. «Que frio! Vamos para a sala.» Detestava-o. Oh, como o detestava! «Vamos para a sala.» Hans já se havia retirado. Recolhia à cabina, excitada. Fumava cigarro atrás de cigarro. A senhora Wang lia alto frases da Bíblia: «Jesus disse: abandona tudo e segue-me.»

Nessa manhã Ruth a comparar mentalmente os Ocidentais com os Orientais e a olhar a neblina ao longe anunciadora de terra, e uma mão branda a pousar-lhe no braço. O maometano, de túnica de seda preta e pés trigueiros e ossudos, como raízes, nas sandálias de fibra de palmeira. Vinha do banho turco e mastigava algo aromático e colorido. «Quer?» Melhor do que a folha de bétele para purificar o hálito e estimular o apetite. Ouvia-se o jacto

das mangueiras no tabuado do convés inferior e via-se o calor crescer em nuvem tremulante entre o céu e o mar.

— Tenho umas jóias que gostava de lhe mostrar — disse o Mr. Hamid perscrutando o horizonte. — Levei-as ao Japão para as expor. Há séculos que há joalheiros na minha família.

O camarote do ceilonês seguia-se ao de Hans e era também individual. Ele foi a um canto, trouxe uma mesa portátil, puxou um banco para ela. Remexia na mala, abria por fim um cofre de madeira com cadeado de prata.

— Na sua religião os bens materiais não estorvam aos bens espirituais?

Ruth custava-lhe a separar o ceilonês do Alcorão e inconscientemente procurava descobrir-lhe culpas, ou de propósito, para lhe abalar a retórica.

Mr. Hamid, a tirar um rubi gigantesco dum

saquinho de seda, sacudiu a cabeça, meio espantado, meio irritado, murmurando qualquer coisa como: o conhecimento de Deus era o único bem neste mundo e a oração que pronunciara em locoama valia por todas as riquezas da sua joalheria... Palavreado de religioso tradicional? Mrs. Wang, a católica convertida, lábia como o muçulmano não tinha, estava era maravilhada. «Então?» Os dedos do joalheiro deslizavam pelo meio das pedras preciosas com a mesma descuidada elegância com que, à mesa do restaurante, haviam manejado os bagos do arroz. Safiras. Em Ceilão o chão dava safiras, sabia? E esmeraldas. O rubi, que ia da mão para os lábios de Mr. Hamid, ao modo das costureiras com os alfinetes, era uma bolha de sangue na fenda escura da boca. As opalas transparentes e de fogo, assim como os olhos-de-tigre, ele punha-os de parte, como se se tratasse de arroz

de segunda apanha. E não receava que lhe roubassem aquele tesouro? Ora, guardava-o no cofre do barco; fora buscá-lo na véspera para o mostrar a ela e a Hans. Mas não vira Hans no salão... «Não. Retirou-se cedo.» E acometeram-na saudades de Hans. Um sentimento que se lhe figurou fino e nobre como as jóias do Mr. Hamid. Inclinou-se para ele. Segredou-lhe: «Parece que eu e Hans nos vamos casar.»

O rosto do ceilonês abriu-se. A mão deixou tombar o rubi — a mão ou os beijos? — A boca do senhor Hamid era toda vermelha. Muitos parabéns! Muitos parabéns! E queria oferecer-lhe uma lembrança: nada de muito valor: uma pedra-de-lua: o talismã da felicidade.

À saída do quarto do ceilonês, Ruth encontrou-se com a senhora Wang, que se dirigia à sala de jantar, e foi com ela. Sentaram-

-se lado a lado. Vieram carnes frias. «Não se esqueça de que hoje é sexta-feira.» Por esquecimento, contudo, ninguém pecava. Nem ela compreendia muito bem pecados desses. Uma questão de obediência. Fazer mal de propósito, odiar, mentir, isso, sim, era pecar... Ruth espalhava compota na torrada.

— E mentir por não podermos já fazer outra coisa?

— Como?

— Por exemplo, quando juramos amor a uma pessoa por andarmos com pena de não amar ninguém.

A chinesa enrugou a testa.

— Ora, isso acontece com os homens, não com as mulheres. O papel da mulher, no amor, não é de chamada mas de resposta. Ou estarei fora de moda? — O olhar errava-lhe pela sala. — O meu marido dizia que uma mulher nunca tem oportunidade de mentir porque o que

menos interessa aos homens é a verdade dela.
— Atentava na colher que segurava, trémula:
— Meu Deus, quantas gotas deitei? Bem, os homens são uns orgulhosos. O mundo a seus pés... E o meu marido era dos antigos, com esposa e concubinas.

A primeira vez que a senhora Wang aludia à vida de casada.

— Creio que deitou oito. Ouvi contar até *pat*. A senhora amava mesmo o seu marido?

— *Kau, sap, sap-iâ* — e a chinesa engoliu o remédio com uma careta. Para o coração. Não pregara olhos toda a noite. Sorveu um gole de chá. Firmou-se em Ruth: — Amei-o tanto que chego a duvidar se poderei ser boa cristã algum dia.

Ruth sossegou-a. Isso não importava. Havia até casos de santas...

— Mas ele não acreditava em nenhum Deus! Troçava de todas as religiões! — Suspirava —

Uma natureza demoníaca... — Apoiava o queixo na mão. — Apesar de tudo amei-o. Amei-o, Miss Ruth, com todas as veras da minha alma.

Um navio ao mesmo tempo sagrado e maldito. Como as pessoas que o habitavam. Dessem uma volta pelo convés, à noitinha: o moço pintor instalado entre cabos e bidões de alcatrão, no Sétimo Céu. Da cabina de Mr. Hamid ecos dos *aiates* dos *suras*. Caladinha como um rato, a senhora Wang, no seu acanhado beliche, a meditar nos mistérios da Paixão. E havia decerto quem rezasse o terço — porque não? — e quem lesse romances, e quem amasse, quem discutisse, quem chorasse. E os velhos com susto de morrer e ser lançados ao mar, e doentes, e aflitos. Um navio como um grande edifício com vários apartamentos, caves, torres, desvãos e falsos, com gente de todas as classes, todas as raças, todas as

crenças, que se cruzavam nos lances das escadas, se reuniam nas salas comuns, se desconheciam mutuamente. Alta noite, prantos: a moça coreana, que ocupava o camarote das cocotes francesas, apodada de ladra: faltava dinheiro: e ela sem se fazer entender, a negar por gestos, e aos gritos. Alguém numa maca direito à enfermaria. E o lulu do embaixador de Espanha, a cargo de uma freira doroteia (o único animal admitido no interior do barco), a latir, a ganir, a uivar horas seguidas. E os que morriam mesmo. E suicídios — dizia Mr. Hamid: — um grumete muito jovem atraído pelo pego das águas em noite de lua cheia: por causa de uma carta que recebera nesse dia? Por injustiças dos superiores? Maléfica, por um lado, a lua cheia: alumbrava as insónias transtornando o juízo, influenciava nos abalos de terra e no crime. Propícia, por outro lado, a lua cheia: na germinação

das sementes, na atracção sexual, na fermentação das folhas do chá, no atestar do vinho. E nascimentos adiantados — tornava Mr. Hamid —: meninos de sete meses que cabiam na concha duma mão. E casamentos. Assistira já a dois, nessa demorada carreira do Japão. Os casamentos celebravam-se ao pôr do Sol, com banquete e baile. Se os noivos eram de segunda ou terceira classe, o comandante brindava-os com uma *suite* de primeira, para as núpcias. Tudo isso Mr. Hamid tinha já visto acontecer irremediavelmente, como o Olho de Alá a que nada escapava. Tudo isso e muito mais. Talvez até ocultas, inarráveis ocorrências. Talvez — quem sabe? — milagres. Empreendia essa viagem ano sim, ano não.

Naquela noite Ruth contou à senhora Wang do seu prometimento a Hans. A chinesa conhecia-o pelo «alemão». «E gosta dele, gosta? Enfim, casamento e mortalha...» Ela, por

exemplo, amara o seu diabólico homem por quem estivera quase a perder-se. Ensimesmada, a senhora Wang. De que cor era a pedrada-de-lua? Pois bem, tinha também de lhe oferecer uma prenda. Batia as palmas como uma criança. Um mês a fio ali parceiras, amigas já, quase como se de família. Ah, havia de revolver as malas. Anuviados os olhinhos de conta: jóias não usava por modéstia cristã, nem brocados, nem quaisquer tafularias. Iluminados os olhinhos de conta: mas tinha um rosário de jade com bênção papal!

Ruth ainda hoje pergunta a si própria quem primeiro teria dado a notícia a Hans. O *Napoléon* atracou a Singapura pelo princípio da tarde. No cais atravancado, meninos malaios a vender chapéus e leques de penas garridas. As ruas chinesas de Singapura, um poder de gente, os berros dos carregadores a

corricar, a corricar, de vara de bambu aos ombros. Ia ela, ia Hans, e a Mrs. Wang e o Mr. Hamid. «Porque não viemos só nós os dois?» O restaurante fluvial. «Cobra? Querem cobra?». Não. Cobra, no Verão, um prato indigesto. Desta vez o senhor Hamid comia o arroz com fachs. Perguntava discretamente se seguiam juntos para a Alemanha. Não sabiam, não tinham combinado. Ruth a lembrar-se dos que se casavam no barco, sem chão debaixo dos pés: para não pensarem no que viria depois e se abalançarem a tudo? Achava que gente dessa em terra nunca se casaria. Hans disse que tencionava passar dois meses de férias em Colónia, a sua cidade natal, e ao fim regressar à Austrália onde o esperava o trabalho. As olhadelas desconfiadas ou interrogativas que Hans lhe deitava. Ela a situar-se no seu país, saudosa dos seus. Mr. Hamid pôs os fachs e pôs à disposição a sua casa em

Colombo: escusavam de ir dormir ao barco, tinha lá bons aposentos. Convite extensivo a Mrs. Wang. Ruth a imaginar as quatro esposas do joalheiro: qual sentaria ele à sua direita?

À noite a Mrs. Wang mona, caída. Doía-lhe alguma coisa? Hans também não saiu. Foram os dois, como de costume, para o bar, tomar um *cocktail d'amour*. Ruth sentia-se vagamente envergonhada: afinal não fora ela quem levantara a estúpida ideia? Palavras fora da boca, ainda que sem qualquer intento, ou por isso mesmo, pedras fora da mão. E só em pensar que podia ter magoado Hans ou quem quer que fosse... O muçulmano. O muçulmano tivera responsabilidade: ele, por assim dizer, quem lhe arrancara as palavras, as tais perigosas como pedras. E quem avisara o alemão? Avisara? Desavisara? Estavam calados, e mais tarde cada um falou do seu futuro incerto: mais incerto para ela do que para ele, e para

ele mais monótono. Na Austrália vivia no mato, melhor, numa floresta de eucaliptos gigantescos, todos brancos, fantásmas ao luar... Compreendia que não se entusiasmasse. Nenhuma mulher... Ela pasmada e contente. «Posso ir um dia visitá-lo?» Podia. Até a ajudava na viagem. Muito belo aquilo por lá... Saboreava a bebida. O *barman* tinha-se esmerado no *cocktail d'amour*, não tinha? Os diversos pisos, os quartos e o tombadilho do *Napoléon* mais ou menos desertos. À laia de música de fundo, o burburinho do porto e da cidade. Iam deitar-se cedo. Queria que a chamasse para um passeio de manhã? Se a Mrs. Wang melhorasse... Já no corredor, Hans aprumou um dedo nos lábios: «Escute. Ele a rezar.» As palavras ressoavam, solenes. Porque seria que o muçulmano se afervorava tanto nas orações? Pelo facto de o navio se encontrar parado ou porque estava a reconciliar-se com

Deus? Reconciliar-se? Então ele pecara? Por momentos, Ruth e Hans entreolharam-se. Depois, despediram-se. Despediram-se sem saberem nada um do outro, nem agora nem mais tarde, como sucedia com companheiros de viagem com metas diferentes. Soprou um vento. Bateram portas. Subiu das águas um cheiro verde de limos. A voz do muçulmano num crescendo, no barco vazio. Que ao fim e ao cabo, para o muçulmano, o mundo era um livro aberto debaixo dos seus olhos, um Corão onde a sina das criaturas estava fatalmente escrita. Ali, naquelas águas, na carreira do Japão, onde tinha já visto tanto (ano sim, ano não), dir-se-ia que era ele quem punha e dispunha. Ele o detentor, o dono do destino.

M A R I A O N D I N A B R A G A
O DESTINO VIAJA
A BORDO

Quando nessa manhã — o *Napoléon* devia escalar
Singapura de tarde —, Ruth apareceu no *deck*...

56

Apoio:



Patrocínios:

